

## Fazendo diferente

Livro produzido pelo jornalista Bruno Weis, o engenheiro agrônomo Rodrigo Junqueira e pela engenheira florestal Cristina Velasquez, "Plantando árvores, mudando vidas" é um exemplo de que o desejo pela mudança, de pensar e fazer diferente em meio ao convencional é possível, quando esforços de um grupo de pessoas são empregados para atingir um ideal comum coletivo. Elaborado pelo Instituto SocioAmbiental (ISA) em 2010, o livro traz relatos de pessoas que participaram dos cursos de formação de agentes e educadores socioambientais do ISA entre 2008 e 2009, envolvendo diretamente mais de 200 pessoas em 15 municípios mato-grossenses.

Esse processo teve início com a campanha "Y Ikatu Xingu" (Salve a Água Boa do Xingu, na língua kamayurá) em 2004 que buscou na ação participativa local, o desenvolvimento de iniciativas socioambientais através da formação de agentes de mudança e modelos de ação. Num contexto fortemente influenciado por atores e interesses diversos, numa região de expansiva fronteira agropecuária, em contraste com a rica sociobiodiversidade representada pelas comunidades e tribos indígenas no maior bioma brasileiro, a bacia do Rio Xingu é a região-chave para essas ações.

A conexão do ser humano com a natureza é problematizada quando se crê na infinitude dos recursos naturais, tem-se a visão das relações humanas e da economia de recursos de forma linear, de exploração, uso e descarte. Logo, o âmbito econômico-material é dificilmente entrelaçado com a consciência e sensibilidade com a Natureza. É nesse sentido que o curso trabalha essas relações, como despertar em cada indivíduo o sentimento de construtor e zelador social e planetário, no qual o cuidar do meio natural torna-se uma atividade social compartilhada.

Muitas experiências foram então sendo construídas nesses anos de projeto, alguns deles valem ser destacados. O capítulo **Modelando a seriguela** trata de um projeto de construção de um parque-escola em Canarana (MT), com a arborização e criação de um parque dentro de uma escola do município. Buscando uma mudança de visão e de hábitos da comunidade quanto as árvores, o projeto visava a mudança de paradigma entre árvores e espaços verdes como "sujo", ou indesejável, em oposição aos terrenos "limpos", recriando uma relação da comunidade com a figura da Natureza.

Na história **Uma escola que dá frutos**, o valor da escola como ambiente pedagógico e de transformação é colocado em evidência. Localizada em Água Boa (MT), a escola rural Apóstolo Paulo desenvolveu metodologias de ensino à partir de projetos realizados com os alunos relacionando-os com a sua realidade ambiental. Juntamente com os educadores, eles realizaram projetos de valorização de frutos do cerrado e de recuperação de uma nascente que abastece comunidades locais, servindo de incentivo para outros agricultores em recuperar seus recursos naturais. Interessante notar que o início desse projeto teve grande resistência dos pais dos alunos, que declararam que o papel da escola era ensinar na sala de aula ao invés de promover atividades ambientais. Com o tempo, os alunos começaram a expor os trabalhos que realizavam para a comunidade, trazendo o hábito de consumir frutos do cerrado que antes não comiam. Hoje (ou melhor, anos depois), o projeto se tornou uma disciplina de agroecologia no currículo da escola, concretizando o sucesso dessa iniciativa que alia alunos, professores e comunidade na educação e transformação socioambiental.

Uma última história que vale a pena ser contada é a de uma agricultora de Nova Ubiratã (MT) em **Bom dia comunidade, vamos plantar!** Essa agricultora ao comprar seu lote de terra no passado, desmatou para começar a trabalhar na terra, no contexto em floresta era sinônimo de improdutividade. Porém, a partir do Projeto Alternativo ao Desmatamento e a Queimada da Aprojer, ela começou a ter outra visão do que é a floresta, e seu papel ambiental. A partir disso, essa agricultora, nessa mudança de paradigma, começa a produzir mudas para recuperação ambiental e realiza através da rádio local, comunicação com a comunidade da importância de se conservar florestas em suas propriedades.

Nota-se de modo geral que nessas experiências há uma verdadeira vontade e motivação em ver a roça produzindo "de tudo", e a presença da floresta provoca uma outra visão da relação com a terra, na qual se pode produzir de tudo na perspectiva agroflorestal. A agrofloresta assume para essas pessoas uma importância como patrimônio natural para seus filhos e netos, esse contato com a Natureza, de ciclos e estações, que produzem alimentos, frutos das árvores, onde há água nas nascentes, uma sombra no jardim, vivifica o desejo de cuidar da terra para além de bens materiais.